

# Bibliografia Portuguesa dos Lanifícios

António dos Santos Pereira

asp@ubi.pt

Universidade da Beira Interior

## ABSTRACT

First, the bibliography of wool entails to compile its legislation, so the old rules as the present determinations by the World Trade Organization, the European Union and the Portuguese supervisory bodies. After, it is necessary to resume the industrial surveys and the reflections of the leading figures from politics and Portuguese culture. Finally, it is urgent to resume work of those, before us, have treated seriously the matter in all its aspects, from technical and scientific to economic, social and cultural. It is necessary also to map the primary sources about all phases of the production cycle, as much in the central archives so much in the municipal archives, as in the manufacture archives. This paper was presented at the *1st Annual Meeting Industry, History, Heritage* in the form of communication and is the first contribution of a more extensive project.

## KEY-WORDS

Bibliography, archives, wool, sources.

## RESUMO

A bibliografia dos lanifícios implica o levantamento de toda a legislação afim, desde os antigos regimentos, aos novos enquadramentos na Organização Mundial do Comércio, na União Europeia e nos organismos de tutela portuguesa. Devem percorrer-se os inquéritos industriais e as reflexões das personalidades relevantes da política e da cultura portuguesa. Finalmente, urge retomar os trabalhos daqueles que, antes de nós, trataram a matéria com maior profundidade em todas as vertentes, desde as técnico-

científicas às económicas, sociais e culturais e fazer o levantamento dos fundos documentais a propósito de todas as fases do ciclo produtivo tanto nos arquivos centrais como nos municipais, empresariais e outros. Este artigo foi apresentado ao *I Encontro Anual Indústria, História, Património*, na forma de comunicação, e é a primeira contribuição de um projeto mais extenso.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Bibliografia, arquivos, lanifícios, fontes.

#### **INTRODUÇÃO**

Nenhuma atividade humana modelou em metáforas a comunicação e deu tanto sentido global à cultura, em qualquer parte do planeta, como a dos têxteis e do vestuário. Todas as disciplinas técnico-científicas, desde a Engenharia, à Química, concernem a sua esfera produtiva. A esfera doutrinária/política põe em confronto protecionismo e abertura, mercantilismo ou liberalismo no seu comércio. A Economia faz deles matéria permanente de estudo micro e macro. A Antropologia Humana e a Sociologia tomam-nos como referência permanente na caracterização das culturas. E a História não pode esquecê-los nas suas considerações globais. Nem a Teologia dispensa o imaginário ligado a esta atividade. Não necessitamos de trazer à colação a linguagem vulgar e menos ainda a literária ou a sagrada e o mito, porquanto repetiríamos o que todos conhecem e não é essa a missão do cientista. A história dos tecidos deve, pois, ser elaborada a partir de diversas fontes, diplomáticas, literárias, arqueológicas e outras, mas eles mesmos, quando nos chegam, bem ou mal conservados, podem colaborar no esclarecimento do evoluir humano em vários espaços e em diferentes processos: o económico e o da técnica, o da moda e o do quotidiano, o social e o cultural, o arqueológico e o ambiental. Embora as crises mais abrangentes nasçam atualmente em outros setores, particularmente no financeiro ou no energético, os lanifícios, pelo volume de mão-de-obra, que implicaram no passado, os problemas sociais inerentes nas regiões da sua implantação, estiveram com frequência no núcleo das mesmas e devem despertar-nos para a análise da sua bibliografia.

#### **A BIBLIOGRAFIA DOS LANIFÍCIOS**

Obviamente, ao propor este trabalho ao primeiro congresso da Rede de História da Indústria Portuguesa, entramos em um novelo, de onde é muito difícil sair, contudo, apropriado, para tirar dele um bom fio de urdidura para a trama do futuro, como outro Teseu, que recebe aquele de Ariadne. Porventura, os mais pragmáticos estariam à espera das fontes de um trabalho feito que comentássemos. De facto, podíamos pegar

na *Rota da Lã Rota da lã translana: percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha)* da professora Elisa Pinheiro (2008) e da sua equipa e analisar as Fontes e a Bibliografia por ela utilizadas e teríamos o trabalho tão facilitado como a gestão do Museu de Lanifícios, cuja direção nos quis deixar. Não seguimos tal caminho, mas fica aqui a indicação para alguém que ainda não conheça aquele precioso e concretizado projeto e a homenagem à sua principal autora.

As fontes e bibliografia que queremos trazer à colação não são de processos findos, ensaios dissertações ou teses acabadas, mas de projetos em esboço ou por concretizar, outros a fazer ou que devem ser feitos. Alguns estão em progresso como um Dicionário dos Lanifícios, onde caberá tudo o que diga respeito à lã, como matéria-prima, portanto, no que concerne à sua produção e transformação, particularmente no espaço português e à sua comercialização e aos imaginários que desperta na arte e particularmente na Literatura. Não é possível uma bibliografia dos Lanifícios sem *A Lã e a Neve*, de Ferreira de Castro, sobre a qual deixamos um pequeno ensaio no número inaugural desta revista. Com efeito, em projeto já concretizado, a *ubimuseum* vai apresentando algumas pérolas, como as comunicações sobre a temática com conteúdo mais próximo do trabalho fabril e da região da Beira feitas ao *I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais* realizado na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no passado mês março, em que o Museu de Lanifícios quis participar desta maneira.

Aprendemos há quatro décadas, que para um qualquer trabalho académico, devemos partir sempre de uma enciclopédia, dicionário ou manual temático, a mais ou os mais recentes para precisar o estado da questão que se pretende equacionar. Em Portugal, não dispomos de uma Enciclopédia dos Lanifícios, nem de um Dicionário dos Lanifícios, mas temos ecos de tais trabalhos, também de uma *História dos Lanifícios*, ainda que já antiga, e de alguns elencos etnográficos. No Século XIX, pela inspiração de Fradesso da Silveira foram elaborados alguns materiais interessantes em Portugal. Se tivessem sido continuados, como a célebre *Gazeta das Fábricas*, da Associação Promotora da Indústria Fabril (1865-1866), estariam na linha da frente do que de melhor se havia de fazer no planeta, para progresso da indústria portuguesa do setor. De facto, com uma qualidade digna de realce, por modelar e com um sentido prático assinalável, dispomos de bibliografia internacional, mas posterior. Com efeito, ainda do período positivista, há alguns trabalhos enciclopédicos com um pouco mais de um século sobre os têxteis em geral e a lã em particular levados a cabo, em Chicago, pela American School of Correspondence, a partir de 1904. Neste ano, é editado o volume *Woolen and worsted Spinning*, que aparece com um título mais extenso em edição de 1908: *Woolen and worsted spinning; a complete working guide to modern practice in the manufacture of woolen and worsted yarns and felt, including the sources, natural properties, grading, and cleansing of the raw material, and the machinery and processes of factory work*,

a que podemos ter acesso na Congress Library onde também foi digitalizado e nos parece um bom guia de trabalho, mais ainda pelas interessantes ilustrações. Nesta Biblioteca, urge consultar os trabalhos de catalogação coordenados por Herman H. B. De Meyer que nos deixou *Select list of references on wool: with special reference to the tariff* (1911), que consta na BNP e também em rede. Ainda do início do segundo quartel do século passado, chegou-nos, de Muriel E. Whalley, a recolha *Bibliography on wool* (1927), que podemos ler disponibilizada pela University of Wisconsin. Estes trabalhos, com um sentido prático relevante, levados a cabo nos Estados Unidos e no Canadá, tiveram um particular eco em José Maria de Campos Melo que, desde 1907 até 1915, publicou quatro títulos muito interessantes: *Lãs e lanifícios*; *Manual do Fabricante de Tecidos*; *As Estrangeirices e a Indústria Nacional* e *Matérias-primas*. 1.º vol. *Fibras Têxteis, Contrastaria de Têxteis*. Para perceber o avanço covilhanense no setor, não se podem esquecer estas contribuições.

Preciosos, embora com mais de meio século, são também os trabalhos de Luís Fernando de Carvalho Dias, particularmente *História dos Lanifícios (1750-1834): documentos*, que indicamos com o alerta que hoje estão disponíveis em rede os principais diplomas, por nós já vistos na monumental coleção levada a cabo por António Delgado da Silva em total de oito extensos volumes para aquele período, mas que atinge 1849, em outros tantos, posteriormente continuados. A digitalização daquela coleção foi levada a cabo pela Bibliotheca Regia Monacense, continuada na Faculdade de Direito de Lisboa, e outras instituições e atinge 1910, pois incluiu os trabalhos de José Máximo de Castro Neto Leite e Vasconcellos, de 1850 a 1865, e da Imprensa Nacional, de 1866 a 1910 (<http://net.fd.ul.pt/legis/indice-titulos.htm>). Outro catálogo de fontes digitalizadas é-nos fornecido em pelo Centro de Estudos Histórico da UNL ([http://www2.fcsh.unl.pt/ceh/p\\_up\\_ferr\\_fontes\\_prim\\_orderacoes.html](http://www2.fcsh.unl.pt/ceh/p_up_ferr_fontes_prim_orderacoes.html)). Entretanto, o ingente trabalho de Luís Fernando de Carvalho Dias, para uma História da Covilhã, que não chegou a levar a cabo, foi retomado em blogue pelo seu filho e por sua nora, Miguel Nuno Peixoto de Carvalho Dias e Maria do Céu Jordão Moraes Carvalho Dias. O referido casal tem publicado, desde 2011, alguma da documentação reunida por aquele.

Os nossos autores positivistas, tanto Sousa Viterbo, como Anselmo Braamcamp Freire, preocuparam-se e bem com as várias indústrias portuguesas, todavia, menos com os têxteis. Apenas Sousa Viterbo editou três pequenos trabalhos sobre as indústrias têxteis, entre 1902 e 1904, pouco para obra tão extensa. Os trabalhos posteriores caminharam para âmbitos etnográficos e afastaram-se do que se pretende aqui que é um enquadramento sobretudo industrial. Mencionamos, no entanto, os ensaios de Benjamim Enes Pereira e de João Leal.

Com uma metodologia histórica de matriz francesa, de âmbito epistémico mais global do que setorial, dispomos dos trabalhos do CEAQ (Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien) da Université René Descartes – Sorbonne V, sob o título *Bibliographie*

“*Mode, Vêture, Parure*”, em que podemos perceber como os mais conceituados filósofos da contemporaneidade abordaram os temas do vestuário e particularmente a moda, mas não as questões tecnológicas da produção dos tecidos e as sociais que sobretudo nos interessam.

A História tem como espelho imediato o presente e o historiador, implicado no seu tempo, deve dimensionar o passado a partir deste para bem responder às questões que a sua geração lhe coloca. Entendemos que qualquer bibliografia dos lanifícios deve perceber estes nos enquadramentos legais planetários, europeus e portugueses. Antes de fornecer uma perspetiva diacrónica dos panos de lã em Portugal, importa fazer algumas considerações sobre os mesmos, em termo globais, localizar as grandes reservas de matéria-prima e os grandes centros transformadores. Depois, em perspetiva diacrónica, devem inserir-se todas as questões tecnológicas, as socioprofissionais e também as culturais, dada a importância que o setor teve no decurso da Industrialização e durante algumas décadas se assumiu em Portugal como ramo exportador. Obviamente, a opção de segmentação dos lanifícios no agregado têxtil coloca sérias dificuldades na análise da imensa informação

Atualmente, não é possível a consideração de qualquer atividade humana sem o respetivo enquadramento planetário e o investigador terá de percorrer a documentação das agências da ONU a propósito. No caso dos lanifícios, deve percorrer as convenções da OIT ratificadas por Portugal e disponíveis nos sítios das direções gerais que tutelam o emprego e a formação profissional. O setor é regulado atualmente por normas da Organização Mundial de Comércio, da União Europeia e no caso que nos interessa também do Estado Português. Importa, pois, que qualquer investigador conheça os textos ou *corpus* dos acordos que constituem o quadro jurídico daquela Organização e faça uma primeira aproximação à documentação produzida pela mesma. No respetivo sítio, é possível aceder aos documentos oficiais dos conselhos e comités da OMC bem como a outras fontes de informação: estatísticas de comércio, trabalhos de investigação económica, ficheiros vídeo, áudio e fotos.

Feita a procura do principal enquadramento atual do setor têxtil na indústria transformadora deve-se ainda percorrer algumas das considerações teóricas sobre o mesmo, particularmente, desde a Revolução Industrial, não esquecendo a bibliografia produzida em Portugal. Os inquéritos industriais proporcionaram aos seus organizadores os mais amplos espelhos das atividades transformadoras e dos lanifícios em particular. Os trabalhos de Fradesso da Silveira são incontornáveis por constituírem o espelho mais amplo deste setor no nosso país na segunda metade do século XIX: *As fábricas da Covilhã* (1863); *As fábricas de Portugal: indagações relativas aos tecidos de lã resultados da inquirição feita por ordem do Conselho das Alfandegas* (1864); e *Estatísticas da indústria e do commercio de Portugal: considerações geraes* (1773). Mas até a Questão Financeira lhe merece um texto premonitório do nosso

estado atual, relevando ele que mais do que acertar as contas é necessário incentivar a produção em a *Questão de Fazenda*, publicada em 1872.

As greves, recorrentes no mundo operário, foram descritas e estudadas como fazendo parte da estrutura industrial e, pelo volume de mão-de-obra das fábricas de lanifícios, pelos autores mais sensíveis à questão social. Não podemos esquecer a *História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal* de Carlos da Fonseca (1980-1982). Devem ser retomados os trabalhos empenhados da fase de juventude de Rui Ulrich, particularmente sobre a legislação operária (1906) e os de Fernando Emídio da Silva (1905 e 1912) sobre a questão social e as greves. José Maria Amado Mendes, em extensa bibliografia, já fez a sua releitura a propósito, e outras são bem possíveis de acordo à perspectiva de cada um. A imprensa periódica constitui recurso precioso como já demonstrou José Tengarrinha e continua a demonstrar José Manuel Lopes Cordeiro ao percorrer a imprensa ligada ao PCP, particularmente *O Têxtil* neste número da *UBIMUSEUM*. Coincidente com o aceleração da industrialização do setor, é indispensável a retoma da *Gazeta das Fábricas* (1865-1866) da Associação Promotora da Indústria Fabril, ela mesma proprietária da editora Biblioteca das Fábricas que fez publicar os trabalhos de Fradesso da Silveira e outros e teve como fito a conferência do progresso nacional do setor face ao que ao que acontecia no estrangeiro. Os relatórios publicados naquela *Gazeta* vão muito para além dos lanifícios e são indispensáveis ao estudo de outros tecidos como o linho e a seda. Infelizmente, terminou em 1866, sendo continuada pela *Revista Industrial* em 1875, sem grande sucesso, diga-se. Já em outros lugares e para outros fins, percorremos a imprensa periódica beirã. Para uma História dos Lanifícios, devem considerar-se todos os periódicos covilhanenses até à publicidade neles inserta. A propósito, notamos a preciosidade de *Commércio da Covilhan* (1864-1865) e de *Echo Operário* (1869-1870) por introduzirem publicidade do mais fino recorte e terem proporcionado o aparecimento de figuras de largo lastro na política portuguesa: B. da Nobrega Moraes Sarmiento e José Maria de Moura Barata Feyo.

O século XIX terminou com uma visão geral pela pena de J. M. Esteves Pereira (1900), da *Indústria Portuguesa (séculos XII a XX) com uma introdução sobre corporações operárias em Portugal: elementos de logographia industrial*. Posteriormente, uma relevante perspectiva estrutural foi-nos dada pela inteligência de Vitorino Magalhães Godinho (1971) e pela militância e muito trabalho de Armando de Castro (1957). Joel Serrão e Gabriela Martins (1976) em preocupações didáticas apontaram os principais textos da industrialização de Oitocentos. Outros balanços foram-nos dados por Miriam Halpern Pereira (1971 e 2002), David Justino (1986), Manuel Villaverde Cabral, Jaime Reis e Jorge Pedreira e muitos outros em conceptualizações aprofundadas.

Já observamos a importância da análise dos textos legais produzidos durante o período mercantilista de proteção alfandegária. As disposições industriais e alfandegárias do Marquês de Pombal e o século XVIII em geral foram objeto de trabalho de Borges de

Macedo (1963) ainda que devamos também relevar todo o pensamento produzido no âmbito da Academia das Ciências e particularmente o de Domingos Vandelli já na transição fisiocrática e cujas memórias têm merecido edições recentes (1994 e 2003) dada a precocidade das suas análises sobre a agricultura, a economia e as finanças e a História Natural. Para além de alguns atos diplomáticos isolados, importa o conjunto de tratados pautais alfandegários estabelecidos particularmente com a Inglaterra; o *Tratado de Estocolmo: acordo EFTA* (1959); o conjunto de tratados da União Europeia e atos legislativos, estes importantíssimos por estarem em vigor, publicados no *Jornal Oficial da União Europeia* e acessíveis em rede através de <http://eur-lex.europa.eu/pt/index.htm> e por compreenderem um conjunto de disposições que enquadram a atividade designadamente no que toca à questão ambiental, à denominação dos produtos, às suas características, às etapas do processo de fabrico, ao registo de denominação de origem, ao apoio aos produtores, ao comércio internacional etc..

O condicionamento industrial e a política de proteção à localização das indústrias de capital intensivo na área litoral mereceram a atenção de Elizabeth Leeds que nos deixou uma primeira síntese em 1983 daquilo que viria a ser a sua tese de doutoramento no ano seguinte em Boston. Percebemos que os lanifícios foram gradativamente deixando de ser indústria de mão-de-obra intensiva para se tornarem indústria de capital intensivo, permitindo uma mais fácil deslocalização.

De bom grado, a partir da década de sessenta, no seguimento da fundação do GIS (1962) e por ação das revistas de temática sociológica como a *Análise Social* (1963-) e política e cultural como *O Tempo e o Modo* e, já nos finais do regime salazarista, a fundação do ISCTE e do IES, grosso modo, depois de 1974, a abordagem académica das questões económicas sociais chegou aos ambientes da fábrica e observou as relações sociais nos sistemas de produção. Há um conjunto notório de autores portugueses, particularmente durante a dita Primavera Marcelista, que nos deixou obra a propósito que continua atual. Destacamos os trabalhos levados a cabo por César Oliveira (1972 e 1973) e José Pacheco Pereira (1971), em período ainda muito difícil para a distribuição livreira, dada a vigilância política. A dimensão do fenómeno emigratório impôs também a tentativa de perceção das suas causas e os seus efeitos nos tecidos sociais. Aquelas revistas iniciaram um acompanhamento das publicações que sobre a matéria se iam fazendo no estrangeiro. Logo no seu segundo número, a *Análise Social* remetia para a edição em França, por Raymond Aron, das *Dix-huit leçons sur la société industrielle* no ano anterior (*Análise Social*. Vol. I, 1963, n.º 2: 329-330). Além desta obra, a mesma revista anunciava o *Traité de Sociologie du Travail* (1961-1970, de Georges Friedmann e de Pierre Naville, contemporâneos e amigos daquele. A nova visão da economia no amplo quadro social levou a um primeiro levantamento bibliográfico da questão social por Raul da Silva Pereira em 1965. A intelectualidade portuguesa tomava finalmente nota de uma perspetiva capaz de integrar as dimensões económicas, sociais e técnicas na esfera produtiva, livre dos enquadramentos



tradicionais meramente marxistas ou, pelo contrário, liberais, e a conclusão que a maioria das atividades produtivas acabariam por desenvolver-se no modelo de grande concentração de capital e mão-de-obra e, portanto, fora da dimensão familiar. Os efeitos da globalização, acentuados depois da Segunda Grande Guerra, mas de que muitos responsáveis não se deram conta, teriam exigido reformas que só muito tardiamente foram levadas a cabo. Com efeito, parece-nos conflagradora a incapacidade dos governantes portugueses perante o dualismo económico e social e a globalização. A partir da década de sessenta, a distribuição do rendimento acentua-se exageradamente a favor das grandes áreas urbanas e industriais, em dualismo económico geográfico e social, deixando os espaços agrícolas em estagnação (Nunes 1964: 407-828). Embora as Ciências Sociais e Humanas se tivessem desenvolvido tardiamente em Portugal, vários historiadores, geógrafos, economistas, havia décadas, confirmavam uma divisão internacional do trabalho e, por consequência, a esfera política deveria ter cumprido a sua missão reguladora de integração das regiões cujas atividades corriam o risco da marginalização (Ferrão e Jensen-Butler 1998: 355-371). Quanto à Globalização, notamos que apenas em 1994 o designado Grupo de Lisboa anunciava “o fim do sistema nacional enquanto núcleo central das atividades e estratégias humanas organizadas” (Santos 2001: 32). Nas últimas décadas, em Portugal, grosso modo depois da Revolução de 25 de Abril de 1974, o desenvolvimento das Ciências Sociais e Humanas voltou a impor o homem como principal objeto da ciência: fosse ele capitalista, empresário industrial, operário ou pastor. Uma Bibliografia dos Lanifícios impõe-nos, pois, novos caminhos para além das questões técnicas e legais, até ao enquadramento social e culturais, mesmo da dicotomia operário/industrial, que fez o nosso ambiente juvenil. Afinal, em perspetiva integradora como a observada em *The First Industrialists* (1983) de François Cruzet ao caracterizar em particular os líderes emergentes da Indústria Oitocentista Inglesa. O desenvolvimento da História Económica capaz de explicar ciclos e crises, a dimensão da iniciativa privada, a capacidade do Estado controlar os tecidos produtivos e regular a crise têm feito escola também em Portugal, desde o terceiro quartel do século XX, percebendo a indústria no seu contexto sociopolítico. Depois do trabalho seminal de Borges de Macedo, relevamos as intervenções consistentes, sobre quase todos os espaços portugueses e as suas indústrias, desde Pombal aos nossos dias, por José Amado Mendes, e os trabalhos sistemáticos sobre toda a industrialização portuguesa até aos nossos dias por Nuno Luís Madureira desde que defendeu a sua tese de doutoramento no ISCTE em 1996. De permeio, os trabalhos de Jaime Reis desenvolvidos na Faculdade de Economia da Universidade Nova sobre a produção industrial Portuguesa, de Fernando Rosas, sobre a economia do Estado Novo e do condicionamento industrial e de Conceição Andrade Martins, sobre o trabalho e as condições de vida em Portugal, desde a Regeneração à República.

Nos últimos anos, a perspetiva prosopográfica fez perceber a formação de grupos e a convergência de interesses na esfera dominante ou no grupo dito dos empreendedores



capazes de formar elites a vários níveis, designadamente o regional. O assunto foi bem estudado, particularmente na Universidade de Évora, e consideramos Hélder Adegar Fonseca, de certa forma, um pioneiro tanto pelos seus estudos como pelos que tem orientado.

Os trabalhos sobre o mundo operário, as condições do trabalho, as lutas, as greves e a expressão cultural remontam ao século XIX. No entanto, a sua expressão no âmbito universitário tardou a manifestar-se em Portugal. Neste, têm tido uma particular expressão duas mulheres, praticamente da mesma geração, Miriam Halpern Pereira e Maria Filomena Mónica, embora esta apenas se tenha dedicado ao tema, nos primórdios dos anos oitenta do século passado, depois de durante mais de uma década a terem ocupado os problemas da educação. Os seus passos foram seguidos por Fátima Patriarca. José Tengarrinha traçou uma metodologia do estudo das greves e tentou cumpri-la.

A questão do incremento das tecnologias nos sistemas produtivos tem sido considerada nas teorias de desenvolvimento, colocando as óbvias questões da sua importação ou criação através do sistema de I & D. Citamos os nomes Fernando Gonçalves, J. A. Rodrigues Carvalho, João Manuel Gaspar Caraça, pela insistência nestas matérias, de há três décadas a esta parte. Maria João Rodrigues e Marinús Pires de Lima tentaram já um faseamento da relação das Ciências Sociais em Portugal com a respetiva evolução económica e social, particularmente do sector industrial, nos últimos 100 anos, em artigo, com extensa bibliografia, datado de 1985 e publicado em 1987.

## CONCLUSÃO

De facto, uma bibliografia a propósito dos Lanifícios tem de ir muito para além das questões regulamentares e técnicas da produção e referenciar os âmbitos doutrinários, económicos, sociais e culturais e mesmo os quotidianos e as trajetórias individuais. Nós estamos a caminho no extenso projeto que alinhámos e deixamos para outro lugar, onde percorremos um roteiro pormenorizado das fontes diplomáticas inéditas, por arquivo; dos diplomas já publicadas, por coleção e instituição; também elaboramos o rol das fontes literárias e de enquadramento do mundo do trabalho industrial; a bibliografia para a história da produção de tecidos e vestuário; a lista dos periódicos mais interessantes para os estudos sobre as matérias conexas; os principais lugares de recolha de iconografia; e fornecemos informações sobre os visuais gráficos e de projeção, as principais espécies sobre a dimensão museológica dos tecidos, o seu restauro, a sua conservação, exposição, a elaboração de coleções e os necessários sítios na rede, que tudo facilitam a todos.

## BIBLIOGRAFIA

- American School of Correspondence (1904). *Woolen and worsted Spinning*. Chicago: American School of Correspondence at Armour Institute of Technology
- American School of Correspondence (1908). *Woolen and worsted spinning; a complete working guide to modern practice in the manufacture of woolen and worsted yarns and felt, including the sources, natural properties, grading, and cleansing of the raw material, and the machinery and processes of factory work*. Chicago: American School of Correspondence.
- Aron, Raymond (1962). *Dix-huit leçons sur la société industrielle*. Paris: Gallimard.
- Associação Promotora da Indústria Fabril (1865-1866). *Gazeta das fábricas: periódico mensal*. Lisboa: Sociedade Typographica Franco-Portuguesa.
- Castro, Armando (1957). *Problemas económicos da industrialização*. Comunicação ao Congresso da Indústria Portuguesa. Lisboa.
- CEAQ (Centre d'Études sur l'Actuel et le Quotidien) da Université René Descartes – Sorbonne V, *Bibliographie "Mode, Vêture, Parure"*.
- Comércio da Covilhan, Covilhã, 1864-1865*.
- Cruzet, F. (1985). *The first industrialist*. Cambridge: University Press.
- Dias, Luís Fernando de Carvalho (1954). *Os Lanifícios na Política Económica do Conde da Ericeira*, Lisboa: sep. de *Lanifícios*. N. 44, 47-48, 49.
- Dias, Luís Fernando de Carvalho (1955). *A Relação das Fábricas de 1788*. Coimbra: *Boletim de Ciências Económicas da Faculdade de Direito de Coimbra*. Vol. 3.
- Dias, Luís Fernando de Carvalho (1958). *Luxo e Pragmáticas no Século XVIII*. Coimbra: sep. de *Boletim de Ciências Económicas da Faculdade de Direito de Coimbra*. Vol. 4, n. 2-3, 1955 e Vol. 5, n. 1-2-3, 1956.
- Dias, Luís Fernando de Carvalho (1958-). *História dos Lanifícios – Documentos*. Lisboa: sep. de *Lanifícios*.
- Echo Operário. Periódico Semanal, Político, Literário e Noticioso (1869-1870)*. Covilhã.
- Ferrão, João e Jensen-Butler, Chris (1988). Existem "Regiões Periféricas" em Portugal?. *Análise Social*. XXIV (100): 355-371.
- Fonseca, Carlos da (1980-1982). *História do movimento operário e das ideias socialistas em Portugal*. 2 vols. Mem Martins: Europa-América
- Fonseca, Hélder Adegas (1996). As elites económicas alentejanas, 1850-1870: anatomia social e empresarial. *Análise Social*. Vol. XXXI (2.º-3.º) 1996 (n.º 136-137): 711-748.
- Friedmann, Georges e Naville, Pierre (1961-1970). *Traité de Sociologie du Travail*. Paris: Librairie Armand Colin.
- Godinho, Vitorino Magalhães (1971). *A Estrutura da Antiga Sociedade Portuguesa*. Lisboa: Arcádia.
- Gonçalves, Fernando e Caraça, João M. G. (1984). Investigação e tecnologia na indústria transformadora portuguesa. *Análise Social*. Vol. XX (2.º-3.º), n.º 81-82: 339-346.
- Gonçalves, Sérgio Gomes Pires (2005). *Produção artesanal nos lanifícios: uma proposta de inovação*. Texto policopiado. Dissertação de mestrado em Design Industrial da Faculdade de Engenharia. Porto: Universidade do Porto

Justino, José David (1986). *A Formação do Espaço Económico Nacional. Portugal 1810-1913*. Tese de doutoramento. 2 vols.. Lisboa: UNL

*Lanifícios: boletim mensal da Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios*. dir. e ed. João Ubach Chaves. Lisboa: F.N.I.L. 1950-[1974?].

Leeds, Elizabeth (1983). Industrialização e emigração em Portugal: sintomas inevitáveis de uma doença estrutural. *Análise Social*. Vol. XIX (3.º-4.º-5.º), n.º 77-78-79: 1045-1081.

Leeds, Elizabeth. *Labor export, development, and the state: The political economy of portuguese emigration*. Texto telecopiado da tese de doutoramento. Boston: E.R.Leeds.

Macedo, Jorge Borges (1963). *Problemas de história da indústria portuguesa no século XVIII*. Lisboa: Faculdade de Letras.

Madureira, Nuno Luís Monteiro (1996). *Mercado e privilégios na indústria portuguesa (1750-1834)*. Lisboa: ISCTE.

Madureira, Nuno Luís Monteiro (2001). “O Estado, o patronato e a indústria portuguesa (1922-1957)”. In *Análise Social*. Vol. XXXIII (4.º), 1998 (n.º 148): 777-822

Madureira, Nuno Luís Monteiro (2001) (coord.). *História do trabalho e das ocupações*. Oeiras: Celta.

Martins, Conceição Andrade (1997). Trabalho e condições de vida em Portugal (1850-1913). *Análise Social*. Vol. XXXII (3.º), 1997 (n.º 142): 483-535.

Melo, José Maria de Campos (1907). *Lans e lanifícios*. Prefaciado por D. Luís de Castro e com um Preambulo do Engenheiro José Maria Mello de Mattos. Coimbra: França Amado.

Melo, José Maria de Campos (19..). *Manual do fabricante de tecidos*. Lisboa: Livraria Aillaud e Bertrand.

Melo, José Maria de Campos (1915). *As estrangeirices e a indústria nacional*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Melo, José Maria de Campos (1915). *Matérias-primas*. 1.º vol. *Fibras têxteis, contrastaria de têxteis*. Lisboa: Imprensa Nacional.

Mendes, José Maria Amado (1979). *Exposições industriais em Coimbra na segunda metade do século XIX*. Coimbra: sep. de O Intituto. Vol. CXXXIX.

Mendes, José Maria Amado (1980). Sobre as relações entre a indústria portuguesa e a estrangeira no século XIX. *Análise Social*. Vol. XVI (1.º-2.º), 1980 (n.º 61-62): 31-52

Mendes, José Maria Amado (1980). Para a história do movimento operário em Coimbra. *Análise Social*. Vol. XVII (3.º-4.º-5.º), 1981 (n.º 67-68-69): 603-614.

Mendes, José Maria Amado (1998). As Exposições como “Festas da Civilização”: Portugal nas Exposições Internacionais (Sécs. XIX-XX). In *Gestão e Desenvolvimento*, 7 (1998): 249-273

Mónica, Maria Filomena (1987). Capitalistas e industriais (1870-1914). *Análise Social*. Vol. XXIII (99): 819-863.

Meyer, Herman H. B. De (1911) que nos deixou *Select list of references on wool: with special reference to the tariff*. Washington: Government Printing Office, 1911

Nunes, Adérito Sedas (1964). Portugal: sociedade dualista em evolução. *Análise Social*. Vol. II, (n.º 7-8): 407-462

Oliveira, César (Org.) (1972). *O Operariado e a República Democrática (1910-1914)*. Porto: Afrontamento.

- Oliveira, César (1973). *O Socialismo em Portugal: 1850-1900: contribuição para o estudo da filosofia do socialismo em Portugal na segunda metade do século XIX*. Porto: Afrontamento.
- Oliveira, César (1973). Os limites e a ambiguidade: o movimento operário português perante a guerra de 1914-1918. *Análise Social*. Vol. X (4.º), 1973 (n.º 40): 679-702.
- Oliveira, César (Org.) (1973), *A Criação da União Operária Nacional*. Porto: Afrontamento.
- Patriarca, Maria de Fátima (1994). A regulamentação de trabalho nos primeiros anos do regime corporativo in *Análise Social*. Vol. XXIX (4.º), n.º128: 801-839.
- Patriarca, Maria de Fátima (1995). *A questão social no Salazarismo: 1930-1947*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pereira, António dos Santos (2012). Ferreira de Castro – História e Imaginário: dos *Emigrantes*, através d' *A Selva*, até *A Lã e a Neve*. *UBIMUSEUM*. 1: 1 - 13.
- Pereira, Benjamim Enes (1961). Subsídios para o estudo da fiação e tecelagem em Portugal. Sep. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 18. Porto: Soc. Port. de Antropologia e Etnologia
- Pereira, Benjamim Enes (1965 e 2009). *Bibliografia Analítica de Etnografia Portuguesa*. Prefácio de João Leal. Instituto dos Museus e da Conservação (em rede).
- Pereira, Benjamim Enes (1967). *Técnica de Fiação Primitiva. As Rocas Portuguesas. Cadernos de Enografia*. Segunda Série. Barcelos: Companhia Editora do Minho.
- Pereira, José Pacheco (1971). *As Lutas Operárias contra a Carestia de Vida em Portugal: a greve de Novembro de 1918*. [Porto]: Portucalense Editora.
- Pereira, José Pacheco (1971). *Questões sobre o Movimento Operário Português e a Revolução Russa de 1917*. V. N. Famalicão: Livraria Júlio Brandão.
- Pereira, João Manuel Esteves (1900). *Indústria Portuguesa (séculos XII a XX) com uma introdução sobre corporações operárias em Portugal: elementos de logographia industrial*. Lisboa: Occidente.
- Pereira Miriam Halpern (1971). *Livre-câmbio e desenvolvimento económico Portugal na segunda metade do século XIX*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Pereira Miriam Halpern (2002). *Os lanifícios da Covilhã e da região serrana: uma discreta expansão oitocentista*. Sep. *Actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial*, Covilhã, Novembro 1998. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Pereira, Raúl da Silva (1965). Problemas sociais em Portugal – contributo bibliográfico. *Análise Social*. Vol. III, (n.º 9-10): 117-159.
- Pinheiro, Elisa Calado (2008). *Rota da lã translana: percursos e marcas de um território de fronteira: Beira Interior (Portugal) e Comarca Tajo-Salor-Almonte (Espanha) / coord. Elisa Calado Pinheiro*. 2 volumes. Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.
- Reis, Jaime (1985). *A produção industrial portuguesa, 1870-1914: primeira estimativa de um índice*. Lisboa: Faculdade de Economia da Universidade Nova Portuguesa
- Reis, Jaime (1986). *A produção industrial portuguesa, 1870-1914: primeira estimativa de um índice*. *Análise Social*. Vol. XXII (5.º), n.º 94: 903-928.
- Reis, Jaime Reis (1987). A industrialização num país de desenvolvimento lento e tardio: Portugal, 1870-1913. *Análise Social*. Vol. XXIII (96), 2.º: 207-227.
- Rodrigues, Maria João e Lima, Marinús Pires (1987). Trabalho, emprego e transformações sociais: trajectórias e dilemas das ciências sociais em Portugal. *Análise Social*. Vol. XXIII (1.º), n.º 95: 119-149.

- Rosas, Fernando (1986). *Elementos para o estudo da natureza económico-social do Estado Novo nos anos trinta*. Dissertação de mestrado. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa
- Santos, Boaventura de Sousa (2001). Os Processos de Globalização. in *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Porto: Edições Afrontamento.
- Serrão, Joel e Martins, Gabriela (1976). *Revolução industrial e aceleração da história: antologia*. Fundão: Jornal do Fundão
- Silva, António Delgado da (1825-1838), *Collecção da Legislação Portuguesa*, 8 volumes. Legislação de 1750 a 1834. Lisboa: na Typ. Maigrense.
- Silva, Fernando Emídio da (1905). *O operariado português na questão social*. Lisboa: Typ. Universal.
- Silva, Fernando Emídio da (1912). *As greves*. Coimbra: Coimbra Ed..
- Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da (1863). *As fábricas da Covilhã*. Lisboa: Tip. Franco-Portuguesa.
- Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da (1864). *As fábricas de Portugal: indagações relativas aos tecidos de lã resultados da inquirição feita por ordem do Conselho das Alfandegas*. Lisboa: Imp. Nacional.
- Silveira, Joaquim Henriques Fradesso da (1872). *Estatísticas da indústria e do commercio de Portugal: considerações geraes*. Lisboa: Imp. Nacional.
- Tengarrinha, José (1981). As greves em Portugal: uma perspectiva histórica do século XVIII a 1920. *Análise Social*. Vol. XVII (3.º-4.º-5.º), (n.º 67-68-69): 573-601.
- Ulrich, Ruy Ennes (1906). *Legislação operária portuguesa: exposição e critica*. Coimbra: França Amado.
- Vandelli, Domingos (1994). *Aritmética política, economia e finanças*. Introd. e dir. de edição de José Vicente Serrão. Lisboa: Banco de Portugal, 1994.
- Vandelli, Domingos (2003). *Memórias de histórias natural*. Ed. de José Luís. Cardoso Porto: Porto Editora.
- Whalley, Muriel E. (1927). *Bibliography on wool*. Ottawa: National Research Council Canada.
- Viterbo, F. M. Sousa (1902). *Algumas Achegas para a História da Tinturaria em Portugal*. Lisboa: tip. da Academia Real das Sciencias.
- Viterbo, F. M. Sousa (1902). *Artes Industriais e Industrias Portuguesas: A Tapeçaria*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Viterbo, F. M. Sousa (1904). *Artes Industriais e Industrias Portuguesas: Industrias Têxteis e Congéneres*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

*Ubmuseum*

Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior